
SAVIANI, Dermeval

História das Idéias Pedagógicas no Brasil.

Campinas: Autores Associados, 2007. 472 p.

Aline Perazzoli*

Maristela Ferreira da Rocha**

Sandino Hoff***

A interrogação sobre a história da educação no Brasil, as idéias educacionais componentes e o lugar a ela conferida na pesquisa e no ensino universitário constitui-se no tema central do livro *História das idéias Pedagógicas no Brasil*, elaborado a partir dos resultados da investigação conduzida pelo autor com Bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Cobre o conjunto de idéias pedagógicas no Brasil desde 1549 até nossos dias.

O professor Saviani é formado em Filosofia pela PUC – SP, é doutor em Filosofia da Educação (PUC – SP) e livre-docente em História da Educação (UNICAMP, 1986), tendo realizado “estágio sênior” na Itália em 1994–1995. Autor de grande número de trabalhos publicados, atualmente é professor emérito da Unicamp e Coordenador Geral do Grupo Nacional de Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil – Histedbr”.

Ancorado em ampla pesquisa documental – 351 referências bibliográficas – o autor entende que o livro, pela sua grande periodização, incidiu mais “sobre a síntese do que sobre a análise. Assim, em lugar de se dar precedência à descoberta de fontes ainda não exploradas visando a produzir análises de momentos específicos da história da educação brasileira, buscou-se, a partir das fontes disponíveis, construir sínteses explicativas de amplo alcance” (Prefácio, p. XVI). O conjunto de fontes referidas no trabalho de elaboração do texto, trabalhado com rigor científico, pretende proporcionar aos educadores e professores um instrumento útil na montagem da programação das respectivas disciplinas. Num curso geral sobre história da educação brasileira, o professor pode tomar o livro como texto-base.

* Mestranda em Educação da Unoesc.

** Mestranda em Educação da Unoesc.

*** Professor do Mestrado em Educação da Unoesc.

Na introdução, o prof. Saviani expõe a configuração do projeto, as questões teóricas relativas ao conceito de história das idéias pedagógicas e a questão da periodização seguida em seu texto. Os quatro períodos vêm organizados da seguinte maneira.

No primeiro, constam as idéias pedagógicas entre 1549 e 1759, no qual ocorreu o monopólio da vertente religiosa da pedagogia tradicional. No segundo, abordam-se as idéias pedagógicas entre 1759 e 1932; esse é o período denominado como coexistência entre as vertentes religiosa e leiga da pedagogia tradicional. No terceiro período (1932 a 1969), é estudado o predomínio da pedagogia nova. No último, período que vai de 1969 a 2001, o autor configurou a concepção pedagógica produtivista.

O professor Saviani adverte que, durante os quatro primeiros séculos cronológicos, as atividades educativas foram restritas. Somente com a instalação dos grupos escolares, a partir de 1890, no regime republicano, começam uma educação escolar leiga e um ideário renovador da escola pública.

Ao cotejar a educação atual com a da década de 1970, quando o autor redigiu as principais tendências da educação brasileira, em quatro fases, o livro mostra como “essas tendências se cruzam marcando o modo como os professores, de modo geral, se situam no campo pedagógico” (p. 444). Com a ascensão do governo, ligado aos movimentos populares, ficou claro que “[...] as linhas básicas da ação governamental [...] não seriam alteradas.” (p. 449).

Por isso, o autor conclui, considerando “bem-vinda a reorganização do movimento dos educadores que permitisse [...] arregimentar forças para uma grande mobilização nacional capaz de traduzir em propostas concretas a defesa de uma educação pública de qualidade acessível a toda a população brasileira.” (p. 449).

Construindo a história das idéias pedagógicas no Brasil, essa obra traz efetivas contribuições para se compreender a educação brasileira, desde seu nascimento até 2001, e realiza uma ponte com os processos de escolarização do país. A análise do texto resulta extremamente positiva, pois, com a edição do livro, os professores e os educadores dispõem de um proveitoso instrumento de acesso aos conhecimentos das idéias educacionais em sua trajetória histórica no Brasil.

GATTI, Bernadete A.

Estudos quantitativos em educação. *Educação e Pesquisa*.

São Paulo, 30, n. 1, p. 11-30, jan./abr. 2004.

Arnaldo Telles Ferreira*

Flávia Dalla Costa**

Filomena Lucia Gossler Rodrigues da Silva***

Bernadete Gatti inicia as reflexões de seu texto: “Estudos quantitativos em educação”, destacando que, atualmente, as pesquisas realizadas na área da educação estão deixando de lado a metodologia quantitativa, embora existam problemas educacionais que necessitem dos dados quantitativos, para que possam ser contextualizados e compreendidos qualitativamente. De acordo com a autora, isso ocorre em virtude da dificuldade dos educadores em lidar com dados demográficos e com medidas em geral, bem como na dificuldade de leitura crítica e consciente dos trabalhos que os utilizam. Tais dificuldades levam à crença ou rejeição em quaisquer dados citados.

Gatti aponta dois aspectos essenciais dos métodos quantitativos, cuja desconsideração pode implicar no uso indevido dos dados ou na não-obtenção de interpretações qualitativamente significativas a partir destes: os dados – números, medidas, frequências etc. – possuem algumas propriedades que delimitam as operações que se podem fazer com eles, deixando claro o seu alcance; e as boas análises dependem da qualidade teórica e da perspectiva epistêmica na abordagem do problema. Em outras palavras, ressalta a importância do estofamento teórico do pesquisador na significação e reflexão em relação aos dados quantitativos levantados, ou seja, as duas metodologias – qualitativa e quantitativa – enriquecem a compreensão dos eventos, fatos e processos.

A autora destaca que, embora seja comum se encontrar a afirmação de que até meados do século passado predominavam no Brasil estudos quantitativos, a utilização destes nunca foi ampla ou teve uma tradição sólida. Tal atitude, segun-

* Mestrando em Educação da Unoesc.

** Mestranda em Educação da Unoesc.

*** Mestranda em Educação da Unoesc.

do afirmações da autora, dificultou o uso mais consistente desses instrumentais analíticos e a construção de uma perspectiva mais fundamentada e crítica do que eles podem ou não oferecer, e a construção de uma perspectiva consistente diante dos limites desses métodos – existentes também na metodologia qualitativa.

Gatti considera, ainda, que muitos dos estudos quantitativos na área da educação são realizados por pesquisadores de outras áreas (economistas, sociólogos, psicólogos etc.). A autora contempla em suas considerações que os métodos quantitativos de análise são recursos para o pesquisador realizar suas reflexões e não instrumentos sobre os quais deve submeter-se cegamente; tais dados oferecem indícios sobre as questões tratadas e não-verdades; levam, portanto, a proximidades ou plausibilidades e não a certezas.

A fim de que o método quantitativo seja visto dessa forma, Gatti aponta para a necessidade de o pesquisador ter conhecimento do contexto em que os dados foram produzidos e de seus procedimentos de medida e coleta, além do domínio de teorizações e o conhecimento de seus contornos epistêmicos. Caso não haja esses domínios, o pesquisador poderá incorrer no uso mecânico de técnicas de análise quantitativa e distorções de análise.

As quantificações podem ser obtidas de diversas formas; Gatti, no entanto, destaca três tipos de dados: os categóricos (referem-se àqueles que apenas se podem colocar em classificações – classes – e verificar suas frequências nas classes. Exemplo: feminino e masculino); os ordenados (quando estão numa forma que mostra sua posição relativa segundo alguma característica, mas que não há associação de um valor numérico para essa característica, nem um intervalo regular entre uma posição e outra. Exemplo: primeiro, segundo etc.); e os métricos (consiste de observações relativas às características que podem ser mensuradas e expressas em escala numérica. Exemplo: graus da temperatura).

Para ilustrar essa diversidade de formas de análise, Gatti comenta alguns trabalhos realizados com abordagens quantitativas nos últimos 30 anos. Conforme a autora, a seleção desses trabalhos ocorreu por meio de um levantamento em todos os números publicados de 1970 para cá dos seguintes periódicos: Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (Inep/MEC); Cadernos de Pesquisa (Fundação Carlos Chagas); Educação e Realidade (UFRS); Educação e Sociedade (Cedes/Unicamp); Revista Brasileira de Educação (ANPEd); Estudos em Avaliação Educacional (Fundação Carlos Chagas); Ensaio (Fundação Cesgranrio). Além desses periódicos, o levantamento foi feito em fontes bibliográficas indexadas, para detectar livros ou relatórios contendo esses tipos de abordagem.

Gatti apresenta os trabalhos por subconjuntos temáticos, os quais são citados: analfabetismo, percurso escolar e fracasso escolar; fluxo escolar/análise de coortes: outra metodologia; a questão do letramento: uma discussão recente; políticas de educação básica; financiamento da educação/municipalização; fatores sociais e educação; os jovens e a educação; avaliação educacional; temas variados/estudos amostrais menores.

Após abordar como algumas temáticas de pesquisa foram estudadas, Gatti conclui seu artigo destacando que as análises com base em dados quantificados, contextualizados por perspectivas teóricas, com escolhas metodológicas cuidadosas, trazem subsídios concretos para a compreensão de fenômenos educacionais, contribuindo para a produção e enfrentamento de políticas educacionais, para o planejamento e gestão da educação, podendo, também, orientar as ações pedagógicas.

Ao final do artigo, a autora destaca que, sem os dados de natureza quantitativa, muitas questões sociais/educacionais não poderiam ser dimensionadas, equacionadas e compreendidas, além de outras nem serem levantadas. Cabe se estar atento ao fato de que os processos necessários à quantificação podem levar às mistificações do fenômeno, demonstrar domínio sobre esses condicionantes e levá-los em conta, como não se pode deixar de trabalhar com apoio de sólido referencial teórico transcendendo a essas modelagens, permitindo a visão clara dos limites desses estudos. A autora conclui, utilizando um comentário de Ferrari: “temo que, com o argumento de livrar-se do quantitativismo e dos problemas relacionados com a utilização das estatísticas educacionais, tenha-se acabado por jogar fora a criança junto com a água do banho. Se assim foi, talvez se possa ainda recuperá-la.” (FERRARI, 2004 apud GATTI, 2004, p. 26). Portanto, o artigo revela-se simples e agradável, com certa leveza, apesar de trabalhar com um assunto bastante complexo, e é de grande contribuição, principalmente, àqueles que desenvolvem trabalhos acadêmicos no campo da educação.

